

## **Ambiente Escolar como palco para a interação das Práticas Alimentares Familiares e Escolares**

*School Environment as a setting for the interaction of Family and School Food Practices*

*Ambiente Escolar como escenario para la interacción de Las Prácticas Alimentarias Familiares y Escolares*

Roberta Ribeiro<sup>1</sup>  
Cláudia Bógus<sup>2</sup>

### **RESUMO**

A intersecção entre os ambientes alimentares escolar e domiciliar pode favorecer o estabelecimento de práticas alimentares saudáveis nos diferentes contextos de vida onde a comunidade escolar está inserida. O objetivo foi compreender como as famílias, a partir de seus contextos relacionados à cultura e respectivas práticas alimentares, interagem com as ações promotoras da alimentação adequada e saudável desenvolvidas no ambiente escolar de uma grande cidade. Pesquisa de natureza qualitativa, na modalidade de estudo de caso, realizada em duas escolas públicas de ensino fundamental, que incluíram no Projeto Político Pedagógico ações de alimentação e a participação das famílias. Junto às escolas utilizou-se a observação participante, diário de campo, entrevistas semiestruturadas e grupos focais com os membros da comunidade. Para o tratamento dos dados das entrevistas foi feita a transcrição, categorização e análise temática de conteúdo. Os resultados apresentados relacionam-se às ações para a promoção da alimentação adequada e saudável no ambiente domiciliar e escolar. As exigências contemporâneas e realidades vivenciadas pelas famílias influenciaram suas práticas alimentares nos ambientes domiciliar e escolar e foram apontadas como obstáculos do cuidado parental para com a alimentação de seus filhos. O insucesso de ações de alimentação atribuídas às famílias indicou a necessidade de a comunidade escolar identificar caminhos capazes de as envolver e mobilizar. Nesse sentido, a horta enquanto espaço coletivo e de produção de conhecimento em torno do alimento foi capaz de integrar os diferentes interesses e disputas, culturas, hábitos na construção do conhecimento compartilhado entre família e escola para promover ambientes alimentares saudáveis.

**Palavras-chave:** Educação Alimentar e Nutricional; Promoção da Saúde no ambiente escolar; Participação comunitária; Educação em Saúde.

<sup>1</sup> Doutora em Ciências. Universidade de São Paulo Faculdade de Saúde Pública. São Paulo, SP. Brasil. Email: robsmiranda@yahoo.com.br. ORCID 0000-0002-4783-9132

<sup>2</sup> Doutora em Saúde Pública. Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Departamento de Política, Gestão e Promoção da Saúde. São Paulo, SP. Brasil. Email: claudiab@usp.br. ORCID 0000-0003-0925-2741

## ABSTRACT

The intersection between school and home eating environments can favor the establishment of healthy eating practices in the different contexts of life where the school community is inserted. The objective was to understand how families, from their contexts related to culture and respective eating practices, interact with actions that promote adequate and healthy food developed in the school environment of a large city. Qualitative research, in the case study modality, carried out in two public elementary schools, which included food actions and the participation of families in the Political Pedagogical Project. Participant observation, field diary, semi-structured interviews and focus groups with community members were used at the schools. For the treatment of data from the interviews, transcription, categorization and thematic content analysis were performed. The results presented are related to actions to promote adequate and healthy food in the home and school environment. Contemporary demands and realities experienced by families influenced their eating habits at home and at school and were identified as obstacles to parental care for their children's diet. The failure of food actions attributed to families indicated the need for the school community to identify ways capable of involving and mobilizing them. In this sense, the garden as a collective space and for the production of knowledge around food was able to integrate the different interests and disputes, cultures, habits in the construction of shared knowledge between family and school to promote healthy eating environments.

**Keywords:** Food and Nutrition Education; Health Promotion in the school environment; Community participation; Health education.

## RESUMEN

La intersección entre los ambientes alimentarios escolar y domiciliario puede favorecer el establecimiento de prácticas alimentarias saludables en los diferentes contextos de vida donde se inserta la comunidad escolar. El objetivo fue comprender cómo las familias, a partir de sus contextos relacionados con la cultura y las respectivas prácticas alimentarias, interactúan con acciones que promueven una alimentación adecuada y saludable desarrolladas en el ambiente escolar de una gran ciudad. Investigación cualitativa, en forma de estudio de caso, realizada en dos escuelas primarias públicas, que incluyó acciones alimentarias y la participación de las familias en el Proyecto Político Pedagógico. Con las escuelas se utilizó la observación participante, diario de campo, entrevistas semiestructuradas y grupos focales con miembros de la comunidad. Para el tratamiento de los datos de las entrevistas se realizó la transcripción, categorización y análisis de contenido temático. Los resultados presentados están relacionados con acciones para promover una alimentación adecuada y saludable en el ambiente familiar y escolar. Las exigencias y realidades contemporáneas vividas por las familias influyeron en sus prácticas alimentarias en el hogar y en la escuela y fueron identificadas como obstáculos para el cuidado de los padres en la alimentación de sus hijos. El fracaso de las acciones alimentarias atribuidas a las familias indicó la necesidad de que la comunidad escolar identifique caminos capaces de involucrarlas y movilizarlas. En ese sentido, la huerta como espacio colectivo y de producción de saberes en torno a

la alimentación logró integrar los diferentes intereses y disputas, culturas, hábitos en la construcción de saberes compartidos entre familia y escuela para promover ambientes de alimentación saludable.

**Palabras clave:** Alimentación Educación Nutricional; Promoción de la Salud en el ambiente escolar; Participación comunitaria; Educación en Salud

## INTRODUÇÃO

O ambiente alimentar escolar insere-se no contexto dos sistemas alimentares e se refere a todos os espaços, infraestruturas e condições dentro e ao redor das instalações da escola onde os alimentos são disponibilizados, obtidos, comprados e/ou consumidos, como também ao seu conteúdo nutricional<sup>1</sup>. A alimentação escolar, por sua vez, envolve todo alimento oferecido no ambiente escolar, independentemente de sua origem<sup>2</sup>. Nas escolas públicas brasileiras, as diretrizes do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) promovem e incentivam o emprego da alimentação adequada e saudável (AAS), a partir da utilização de alimentos variados, seguros, que respeitam a cultura, as tradições e os hábitos alimentares saudáveis e inserem a educação alimentar e nutricional (EAN) no processo de ensino e aprendizagem<sup>2</sup>. Tais características revelam o seu potencial de contribuir para o desenvolvimento do ambiente alimentar escolar saudável, a partir da aprendizagem transdisciplinar que valoriza o alimento e a comida como um direito e em suas múltiplas dimensões, capazes de desenvolver a criticidade e autonomia dos estudantes para além de realizar suas escolhas alimentares. Oportuniza também refletir sobre os alimentos e sua conexão com os sistemas alimentares e o que eles podem representar para a sociedade.

Crianças, jovens e adultos que se encontram nas escolas vivenciam momentos em que os hábitos e as atitudes estão sendo criados ou revistos, com a possibilidade de trabalhar os alimentos de muitas maneiras, como o fornecimento de refeições, alimentos comercializados ou trazidos de casa<sup>3,4</sup>. O acesso quase universal de crianças e adolescentes ao ambiente escolar o torna relevante para os esforços globais de combate a todas as formas de alimentação inadequada de crianças por meio de abordagens mais amplas e multicomponentes<sup>3,4</sup>, contribuindo

para cumprir a sua função social e política voltada para a transformação da sociedade. Essas premissas justificam o desenvolvimento de ações direcionadas para a comunidade escolar para dar concretude às propostas de promoção da saúde<sup>5</sup>, enquanto um espaço de confluência entre a cultura própria dos alunos e a cultura formal, institucionalizada<sup>6</sup>. Para tanto, deve envolver uma variedade de estratégias educacionais e atividades de aprendizagem que, amparadas pelos ambientes de apoio, possam contribuir com crianças e adolescentes em idade escolar e suas comunidades a fazer suas escolhas alimentares e, principalmente, no que concerne à capacidade de se adaptar e agir como protagonistas de mudança<sup>3</sup>, sinalizando a potencialidade de criar caminhos capazes para a promoção da alimentação adequada e saudável (PAAS).

Ao mesmo tempo em que a escola tem a atribuição de desenvolver ações de EAN, fundamentais para a PAAS, as famílias também participam ativamente deste processo, considerando suas práticas alimentares e todos os valores envolvidos. Em países de baixa e média renda, poucos programas de alimentação apresentaram entre os seus principais objetivos, a inclusão e apoio aos pais e à comunidade para as ações promotoras da alimentação saudável<sup>3</sup>. O envolvimento e participação ativa da comunidade escolar, como estudantes e seus familiares, professores e demais membros da escola, líderes comunitários em prol de um ambiente alimentar favorável e coerente com o desenvolvimento da cultura local e de práticas alimentares mais saudáveis e sustentáveis pode promover mudanças positivas no sistema alimentar local, em seus diversos contextos e áreas de influência, além de ter potencial para influir na reconfiguração das políticas locais e escolares<sup>3</sup>.

Entre as diversas tarefas sob a responsabilidade das famílias destacam-se aquelas relacionadas aos cuidados com a saúde e a alimentação. A relevância, implicações e dificuldades para que a família possa ser catalisadora do direito humano à alimentação adequada (DHAA) destacaram o reconhecimento da importância do seu papel no cuidado e na transmissão da cultura, das práticas e do hábito alimentar, independentemente da forma como ela se estrutura<sup>7</sup>.

No ambiente doméstico, os quatro pilares da dimensão pessoal dos ambientes alimentares - acessibilidade, viabilidade, conveniência e desejabilidade<sup>8</sup> -

somado aos estilos<sup>9</sup> e práticas alimentares parentais<sup>10,11</sup> influenciam as escolhas alimentares, sinalizando a importância de se compreender o papel das famílias na alimentação infantil como base para o desenvolvimento de políticas e programas para promover a alimentação saudável<sup>12</sup> e a SAN<sup>7</sup>. Assim, a reflexão sobre a inserção das famílias nas políticas públicas revela o reconhecimento de seu papel fundamental para o alcance dos objetivos do desenvolvimento humano e social. Não obstante, elas não podem se comprometer sozinhas com tal tarefa e, nesse sentido, o Estado deve assumir parte dessa responsabilidade com políticas de proteção social, programas e serviços sociais de qualidade e de caráter universal<sup>7</sup>.

As políticas de alimentação e nutrição, em especial o Marco de referência de EAN para as políticas públicas e os Guias Alimentares para crianças brasileiras menores de 2 anos e para a população brasileira, destacam a importância de ambientes alimentares que favoreçam a valorização e transmissão das habilidades culinárias enquanto prática emancipatória e de promoção de autonomia e autocuidado<sup>13,14,15</sup>. Nessa direção, as famílias constituem ambientes e espaços subjetivos e físicos privilegiados para desempenhar o seu papel na formação do hábito alimentar da pessoa, cuja consequência é o reforço da própria cultura alimentar, transmitida entre as gerações<sup>7,15</sup>.

Nesse contexto, as barreiras impostas para algumas populações, como as de baixa renda que vivem em locais periféricos de grandes centros urbanos, acentuam algumas dificuldades para o estabelecimento de práticas alimentares adequadas das famílias. Dentre tantos elementos, aponta-se a instabilidade financeira que restringe o acesso aos alimentos na quantidade e qualidade necessárias; a falta de um ambiente alimentar adequado em virtude das condições precárias das moradias, com espaço insuficiente para a mesa e para elaboração de refeições com “comida de verdade” e em horários recomendados; a falta de tempo crônica nas grandes cidades, decorrente dos deslocamentos entre a residência e o local de trabalho às vezes superior a quatro horas diárias, aliada à dificuldade para a aquisição de alimentos saudáveis nas periferias, e as mudanças de hábitos alimentares consequente da maciça propaganda de bebidas e produtos ultraprocessados<sup>7</sup>. Como agravante, é nesse grupo da população que se encontra

uma grande presença de famílias monoparentais, em que cabe especialmente às mães, muitas vezes isoladas de seu contexto social, a tarefa exclusiva de cuidar dos seus dependentes<sup>7</sup>. Para mulheres em situação de vulnerabilidade social, a escassez de recursos financeiros impede a aquisição de alimentos tidos como saudáveis<sup>16</sup>. Isso abre espaço para destacar que a formação de hábitos alimentares infanto-juvenil se insere em um contexto amplo, que abrange o ambiente doméstico e os múltiplos cenários de vida que interferem no acesso, disponibilidade e escolhas alimentares, como também a interação com os diferentes ambientes por eles frequentados, como o escolar.

A partir do momento em que as estratégias utilizadas na educação em saúde, incluindo as relacionadas à alimentação, precisam ser ajustadas a cada território, é possível afirmar a necessidade de exercitar a escuta dos envolvidos, especialmente no ambiente escolar, na perspectiva do papel da alimentação como constituidor de identidades e potencializador do desenvolvimento da cidadania e da qualidade de vida<sup>17</sup>. O que parece acontecer é que os atores da comunidade escolar não se apropriam do papel de educadores em saúde, por lacunas existentes na formação, pela complexidade do tema e pelo uso de estratégias pedagógicas inapropriadas. Com isso, muitos esforços têm sido feitos para contribuir com o fortalecimento das ações de educação em saúde e alimentação, visando mobilizar a população para uma reflexão crítica de suas condições de saúde e de vida em prol do enfrentamento das desigualdades e como desencadeador de amplas e abrangentes experiências de equidade social no âmbito escolar<sup>17</sup>.

Nesse cenário, a compreensão do conceito de literacia em saúde contribui para o entendimento de como as ações em educação em saúde podem influenciar e apoderar as pessoas em suas decisões de autocuidado com a sua saúde para atender às complexas demandas na sociedade moderna, pois envolve:

o conhecimento, a motivação e as competências das pessoas para compreender, avaliar e aplicar a informação em saúde a fim de julgar e tomar decisões na vida cotidiana sobre cuidados em saúde, prevenção de doenças e promoção da saúde para manter ou melhorar a qualidade de vida durante o curso da vida<sup>18</sup>.

Vista de forma ampliada, a relação entre saúde e educação pode estabelecer a intersecção para a integração dos saberes acumulados por tais campos, uma vez que os processos educativos e os de saúde e doença incluem tanto conscientização e autonomia quanto a necessidade de ações coletivas e de fomento<sup>5</sup>. Nesse contexto, a alimentação escolar foi indicada como um elemento estruturante e articulador entre os campos da educação e alimentação e nutrição, e a EAN, como tema transversal do currículo, pode contribuir para que a alimentação escolar se integre às práticas escolares não como um mero suporte nutricional, mas como comida que valoriza a escola pública e seus sujeitos<sup>19</sup>.

O investimento em relações dialógicas entre a escola e a sua comunidade pode sinalizar na direção de compreender e enfrentar os aspectos envolvidos com o comer saudável<sup>20</sup>. A partir da apreensão da realidade, pode-se levantar hipóteses sobre seus desafios e procurar soluções para transformá-la, num processo educativo de conscientização que se concretiza no desenvolvimento da consciência crítica<sup>21</sup>. Aplicado ao contexto escolar, a participação das famílias na vida escolar baseia-se na essência da cidadania democrática e pode ser entendida como direito e/ou dever de cidadania.

A proposta deste estudo foi compreender como as famílias, a partir de seus contextos relacionados à cultura e respectivas práticas alimentares, interagem com as ações promotoras da alimentação adequada e saudável desenvolvidas no ambiente escolar de uma grande cidade.

## MÉTODOS

Trata-se de um estudo qualitativo, transversal e observacional, na modalidade estudo de caso. A pesquisa foi realizada em duas escolas públicas municipais de ensino fundamental de São Paulo, SP entre maio e dezembro de 2019. A autorização e indicação das unidades educacionais, que tivessem incluído no Projeto Político Pedagógico (PPP) ações de alimentação com a participação das famílias, foi realizada pela Coordenadoria de Alimentação Escolar (Codae)/Secretaria Municipal de Educação.

Para compreender e refletir sobre os contextos relacionados às ações das escolas e sua interface com as famílias nas ações promotoras da alimentação adequada e saudável, participaram deste estudo atores da comunidade escolar de duas escolas, identificadas como escola A e escola B. Foram considerados atores da comunidade escolar os envolvidos com a alimentação da criança e do adolescente: estudantes do ensino fundamental 1 e 2, pais ou outra pessoa responsável pelo cuidado de sua alimentação no ambiente familiar, agentes técnicos escolares, cozinheiras escolares, funcionárias da limpeza, gestores escolares e Codae, nutricionistas Codae e contratados, professores, secretárias escolares. Foi utilizada amostragem por conveniência, não probabilística e a escolha das pessoas foi intencional, de maneira que foram selecionadas as que apresentavam as informações relevantes<sup>22</sup>.

Foram realizadas entrevistas individuais semiestruturadas, grupos focais e observação participante, registradas em um diário de campo permitindo a construção de uma série de possibilidades de informações para triangular olhares e obter mais informações sobre a realidade<sup>23</sup>. Para as entrevistas, a seleção de participantes manteve-se até que os dados mostrassem saturação do conteúdo<sup>24</sup>. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio e transcritas.

Para a análise das informações foi utilizada a análise temática de conteúdo, de maneira que o tema foi considerado como unidade de significação a partir do texto analisado<sup>25</sup>. O material transcrito foi organizado para compor um banco de dados, inseridos no software NVivo10 (QSR International Pty Ltd. Version 10, 2012). O processo de análise ocorreu em três etapas sucessivas: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados e interpretação<sup>25</sup>. Neste artigo os resultados obtidos a partir das categorias e subcategorias descritos no QUADRO 1 foram articulados para responder o objetivo proposto.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, parecer número 2.728.220/2019.

Quadro 1. Temas, categorias e explicação para análise. São Paulo, 2023.

Tema	Categoria	Explicação sobre a categoria
Ações para a PAAS Famílias	Compras de alimentos prontos para o consumo	Principais determinantes para a compra de alimentos prontos para o consumo.
	Relações de comensalidade no domicílio	Relações de comensalidade estabelecidas durante as refeições entre os membros das famílias.
	Como a escola enxerga o contexto familiar	Como os atores da escola percebem as ações e atitudes relacionadas à alimentação dos pais ou outro responsável pela alimentação no lar.
Ações para a PAAS Escolas	Alimentação servida	Compreender as possibilidades de ações de EAN a partir da alimentação escolar servida.
	Envio de lanches para a escola	Como os atores das escolas percebiam e articulavam o envio de lanches.
	Projeto horta escolar	De que maneira as hortas escolares se articulavam como estratégias de EAN enquanto projeto das escolas, potencialidades para o trabalho coletivo e envolvimento das famílias.

Legenda: PAAS: Promoção da alimentação adequada e saudável

## RESULTADOS

As categorias compras de alimentos prontos para o consumo e comensalidade vivenciados no ambiente domiciliar mostraram que as práticas alimentares das famílias foram influenciadas por diferentes realidades sociais, econômicas e culturais resultantes de sistemas alimentares complexos vivenciados no ambiente urbano de uma grande cidade. A inserção da mulher no mercado de trabalho contribuiu para alterar a organização das famílias quanto ao preparo das refeições incluindo o outro cuidador nos dias em que aquela saía para trabalhar. Nesse sentido, a compra de comidas prontas para o consumo em restaurantes ou

serviço de entregas (*delivery*) foi apontada como uma opção durante a semana para as famílias que tinham dificuldade de se organizar para preparar as refeições.

Assim, lanches prontos, como pizza, esfiha, hambúrguer, característicos dos finais de semana, passaram a compor o cardápio ao longo da semana nos ambientes familiar e escolar, conforme observação dos lanches dos estudantes na escola que autorizava essa prática. Esses dados revelaram a incorporação de alimentos ou preparações culinárias mais elaboradas e calóricas na rotina alimentar das famílias participantes da pesquisa, congregando novos elementos na cultura alimentar de crianças e adolescentes pautadas na escassez de tempo e praticidade. Ao mesmo tempo, uma vez que esses e outros alimentos ou produtos processados e ultraprocessados são levados para a escola, há a competição e comprometimento da aceitação da alimentação escolar, que tem como princípios a oferta de alimentos e refeições saudáveis.

O Quadro 2 apresenta alguns exemplos de falas dos atores sociais sobre as categorias analisadas e apresentadas nesta seção.

Quadro 2. Trechos de entrevistas com os atores da comunidade escolar relacionados às categorias de análise. São Paulo, 2023.

Categoria	Trechos de fala dos atores sociais da comunidade escolar
Compras de alimentos prontos para o consumo	[...] Como está muito calor esses dias, a gente nunca janta muita comida tipo arroz, feijão. Geralmente a gente compra pizza de forno, ou açaí, ou alguma coisa assim que não necessariamente é uma janta, é só algo para comer antes de dormir. (Estudante_B)
Relações de comensalidade no domicílio	- Em casa é mais na sala. A gente não tem a mesa, então chega a hora do jantar a gente come na sala mesmo [...]. É mais na mesa na casa da avó, minha filha faz aquela festa. Eu até percebo que ela sente bastante falta. Na casa da avó dela tem aquela mesona, ela ajuda a avó pôr a mesa. - Não tem mesa. Na minha casa só tem cozinha e banheiro. Aí tem duas banquetas, ele arruma a “mesa” [uma bancada]. O meu filho e eu jantamos juntos. - Em casa de semana a gente come na sala, porque eu não tenho mesa, não curto mesa. De final de semana cada um come num lugar. Um come no quarto, outro na sala, outro na cozinha. (Estudantes_A)

Como a escola enxerga o contexto familiar	<p>E tem lugar que [...] a pessoa nunca viu, em casa muito menos porque já é uma cultura da família, e aqui [na escola] a gente tenta, mas não vai! [...] ele vai experimentar aqui, e não vai ter incentivo nem do professor, nem em casa. [...] Isso que é mais difícil em EMEF. (Nutricionista_B)</p> <p>[...] Eu percebo em algumas reuniões a mãe muito simples no falar, muito limitada e o filho [...]eles não têm muita paciência. Eu não sei se a família consegue ser firme nessa questão alimentar. [...] Acho que tem vários fatores, tanto às vezes uma organização que acaba não acontecendo em casa, quanto às vezes a falta do adulto para se responsabilizar em casa junto, algumas famílias por dificuldades também, que aí as refeições da escola são as principais refeições daquela família [...]. Às vezes a falta de preocupação com uma alimentação adequada. (Gestora_B)</p> <p>Eu acho que o hábito alimentar que a criança traz de casa é muito determinante no dia a dia. [...] Mas tem famílias que mandam lanches, tem criança que almoça em casa, tem criança que almoça duas vezes. [...] A família e a escola precisam estar muito alinhadas, se não <i>a família ganha</i>. (Professor_B) (itálico nosso)</p>
Alimentação servida	<p>[...] As crianças de hoje em dia são bem diferentes. A gente acompanha [jantar], mas eu não sinto ter muita influência, [...] eu não consigo me ver modificando o hábito de alguma criança. Então é comum, para mim é uma parte do dia. [...] Da forma como ele é hoje a gente contribui muito pouco, a gente desce com eles, observa, vê se está conversando, se não está conversando porque daqui a pouco tem mais gente. [...] (Professor_A)</p>
Envio de lanches para a escola	<p>[...] Eu tenho questionamentos com o poder trazer qualquer coisa [lanches], parece que é esfregar na cara do outro que você pode e o outro não pode. [...] é uma diversidade que acaba sendo até cruel a esse direito pela igualdade, que é um direito da educação, que vem para este espaço porque é para todos. Esse olhar é pouco comentado e acaba mostrando privilégios e dificuldades em vez de ser uma diversidade saudável. Acho que sai desse lugar da alimentação saudável. (Professor_B) (itálico nosso).</p>
Projeto horta escolar	<p>Eu acho que a alimentação é articulada [...] por conta da horta. Todo mundo, de alguma forma, sabe dessa alimentação, sabe que tem um ingrediente novo, eles colocam sempre o cartaz do que está sendo usado da horta. [...] todo mundo que almoça de alguma forma fica sabendo como que está sendo a alimentação. (Professor_B)</p>

Legenda: A: escola A; B: escola B.

As relações de comensalidade estabelecidas entre os membros das famílias durante as refeições foram influenciadas pelas rotinas de trabalho e escola, organização e administração do tempo de trabalho e os dispensados com deslocamentos, criando um cenário amplo dos que conseguiram manter a prática de comer juntos ao menos em uma refeição ao dia, outras se limitavam aos finais de semana; em diferentes ambientes ou cômodos, como mesa da cozinha ou da sala, no sofá, no chão, na cama do quarto. As crianças e adolescentes relataram gostar de comer sozinhos, quando dispunham de televisão ou celular para se distraírem, enquanto os pais tinham ciência de que esses aparelhos dispersavam seus filhos durante as refeições.

Nos finais de semana, as famílias dedicavam-se tanto ao preparo de refeições mais elaboradas e de sua preferência, como também valorizavam os passeios recreativos para restaurantes ou as compras de comidas prontas, sempre vinculadas à cultura familiar, com valor social agregado. Os motivos que justificaram o preparo ou consumo dessas refeições especiais relacionavam-se à descontração, comemoração, partilha e descanso. Para que isso acontecesse, a organização financeira das famílias foi indicada como determinante para sua frequência e para o valor das comidas compradas.

A categoria 'como a escola enxerga o contexto familiar' mostrou a maneira como os atores sociais das escolas contextualizavam as ações de alimentação das famílias. A desinformação e as exigências contemporâneas, citadas como 'desorganização das famílias', foram apontadas como obstáculos do cuidado parental para com a alimentação de seus filhos no preparo das refeições, organização de horários de alimentação, com conseqüente consumo de produtos processados e ultraprocessados de fácil preparo e/ou consumo imediato em substituição às refeições de casa e da escola. Desconsiderou-se o complexo contexto que as famílias estavam expostas, julgando seus alcances e valores, em uma perspectiva pouco construtiva e, ao mesmo tempo, transferindo alguns insucessos de suas ações de EAN.

Na observação participante realizada durante o intervalo de aulas, visualizou-se o consumo indiscriminado de alimentos, especialmente dentro da

escola que autorizava o envio de lanches. Esses resultados apresentam a responsabilidade de toda comunidade escolar, e não apenas das famílias, de identificar caminhos capazes de envolvê-las e mobilizar para que suas escolhas alimentares estejam alinhadas a promoção de ambientes alimentares saudáveis. A sua culpabilização, sem compreender as suas disputas e sem dialogar coletivamente com a regularidade que o tema requer, não foi a maneira mais coerente para avançar na integração de ações entre escola e família para a PAAS.

Além disso, ao considerar a alimentação escolar destinada aos que não conseguiam comer em casa, mesmo que isso estivesse relacionado a diferentes contextos e situações - como organização, valorização e acesso à alimentação, cuidado parental - destacou-se o valor social da alimentação escolar, de caráter assistencialista, em detrimento do direito à alimentação. Houve também uma confusão entre escolarização e acesso à informação, de modo que aquela seria determinante para a prática de uma alimentação adequada e saudável. Cabe reconhecer que o acesso à informação é um componente importante para construir hábitos saudáveis, embora ele não seja determinante.

A influência das diferentes culturas e hábitos alimentares das famílias trouxe para o cotidiano das escolas as diferentes relações que cada criança e adolescente tinha com a comida e o ato de comer e, muitas vezes, não se alinhavam à proposta de alimentação escolar. Revelou-se também uma certa rivalidade, dando o sentido de que as famílias não seguiam o mesmo caminho percorrido pela escola.

Ao lidar com a confluência dos diferentes hábitos alimentares, houve a oportunidade de discussão para incorporar novos elementos, como acontecia com a alimentação servida pela escola. Reconhecer o valor das famílias em atuar como parceiras é importante para mudar o paradigma e estigma existente de que elas atuam em sentidos opostos.

Na categoria alimentação servida, a participação dos educadores no momento de uma das refeições de sentar-se junto à mesa, priorizando as relações de comensalidade, troca de saberes e de incentivo aos educandos a experimentarem os alimentos fazia parte do projeto pedagógico de alimentação saudável das escolas e foi iniciado devido o Programa na Mesma Mesa<sup>26</sup> (SÃO

PAULO, 2015). Entre os seus objetivos estava o incentivo à aproximação entre educandos e educadores no espaço das refeições e fortalecimento das relações de convivência para propiciar a construção de práticas alimentares saudáveis<sup>26</sup>. Mesmo sendo considerado como um modelo a ser seguido, os educadores apontaram a dificuldade de utilizar práticas educativas capazes de se aproximar às necessidades das crianças contemporâneas e de entender que sua atuação não era suficiente para mudar os hábitos alimentares dos educandos.

Entretanto, a finalização do programa e a desautorização dos professores a se alimentarem junto aos estudantes interferiram no interesse e motivação dos professores no acompanhamento do momento da refeição e contribuiu para que o tema da alimentação entrasse em um período de pouca articulação na escola A. Foi visto e relatado que a presença dos docentes na refeição parecia relacionar-se ao cumprimento protocolar, de auxílio na organização do espaço e controle do barulho, limitando a potencialidade das relações de comensalidade que aconteciam em torno da mesa e de visualizar outros elementos para a discussão que pudessem ser inseridos no momento de refeição enquanto prática pedagógica.

Enquanto espaço de convivência, as escolas integravam os diferentes hábitos alimentares das famílias, influenciados pelos seus valores socioculturais, posição econômica e política, que refletiam nos lanches enviados à escola. Essa prática acontecia nas duas escolas e foi justificada pela baixa variedade do cardápio servido e pela opção das famílias em comer ou não a refeição servida. A escolha dos alimentos era determinada pelas crianças, adolescentes e seus familiares e se relacionou à realidade, princípios sobre alimentação e disponibilidade financeira das famílias. A partir dos relatos e das observações realizadas durante as refeições e espaços de circulação dos estudantes, os principais alimentos consumidos nos lanches foram frutas, biscoitos integrais e recheados, bolinhos industrializados, salgadinhos de pacote, lanches consumidos em casa no dia anterior, suco natural e artificial, refrigerante, guloseimas como balas, pirulitos e chicletes. O consumo de alguns desses alimentos carregava um valor social importante, sendo reconhecidos como alimentos da infância e adolescência e, por isso, alguns familiares afirmaram que não seria irresponsabilidade enviá-los para a escola.

Ao discutir essa temática, houve grande divergência de opiniões e interesses entre os atores sociais, especialmente para familiares e estudantes. Entre os educadores foi apontada a importância da valorização do direito à alimentação igualitária e que, por isso, os lanches não deveriam substituir a alimentação oferecida pela escola. Nesse sentido, o envio e consumo de lanches no ambiente escolar implicaria em estabelecer relações de poder e privilégio, e não o respeito a uma ‘diversidade saudável’.

A categoria ‘projeto horta escolar’ possibilitou identificá-la como um caminho capaz de articular reflexões e discussões sobre a alimentação; despertar e incentivar a participação social da comunidade escolar - estudantes, pais, educadores, cozinheiras e demais funcionários. Para tanto, a ressignificação dos valores atribuídos à horta foi importante para explorar as suas potencialidades pedagógicas e aproximar os diferentes grupos de atores sociais das atividades, despertando o interesse ao ato de plantar, cuidar e de se conectar ao alimento em si. A concepção pautada como um projeto comum da escola, em que todos os anos escolares podiam participar foi mais promissor ao que direcionava as ações para turmas específicas, com atividades restritas ao ano letivo. Assim, o avanço do trabalho da horta, enquanto espaço coletivo de cuidado, integrou a comunidade escolar a partir do empenho das famílias, ampliando e mobilizando mais pessoas para o trabalho, dando força e visibilidade até que, em uma das escolas, formou-se o grupo de responsabilidade da horta, alimentação e sustentabilidade, primordial integrar os diferentes interesses e disputas, culturas, hábitos na construção do conhecimento compartilhado entre famílias e escolas para promover ambientes alimentares saudáveis.

Os educadores foram vistos como facilitadores das atividades da horta e a responsabilidade do cuidado era compartilhada com as famílias, que disponibilizavam seu tempo e trabalho para mantê-la como espaço pedagógico de articulação de saberes, reafirmando a importância do envolvimento direto dos educandos de sentir a terra, plantar, cuidar e colher. As experiências compartilhadas pelos estudantes em relação à horta externaram o zelo pelo espaço coletivo da escola, ressaltando o sentimento de pertencimento ao grupo, além de reconhecer e

valorizar o trabalho desenvolvido pelas cozinheiras escolares, consolidando a perspectiva de construção do conhecimento coletivo, a partir da realidade da comunidade.

## DISCUSSÃO

Os cuidados com a alimentação no ambiente familiar foram influenciados por fatores vivenciados pela sociedade contemporânea, como o trabalho parental e a sua dificuldade de conciliar com as atividades domésticas, diferentes composição e organização familiares, valorização dos alimentos com forte representação social - influenciados pela indústria e marketing de alimentos; além dos fatores culturais, sociais, econômicos expostos pelos atores sociais. Mesmo considerando o viés de que as narrativas dos familiares entrevistados individualmente refletiam apenas uma pequena parte da realidade, o seu conteúdo revelou a existência do cuidado parental na alimentação de seus filhos frente às adversidades vivenciadas, que se encontram dentro e fora do domínio individual e familiar.

O esforço em reunir a família ao redor da mesa para realizar as refeições aos finais de semana mostrou o reconhecimento do valor do ritual da comensalidade, com oportunidade para o aprendizado em torno do alimento e das relações dialógicas entre os membros das famílias. Expressaram a representação social da alimentação como uma maneira de enfrentar o cotidiano de limitações, como o tempo e o dinheiro, satisfazer desejos, alcançar a liberdade junto a comida. As preparações tradicionais e o excesso de comida, inerentes aos encontros familiares, contextualizam-se na identificação cultural que se sobrepõe ao discurso dos cuidados com a saúde<sup>27</sup>.

Dentre as famílias que não se sentavam à mesa para fazer a refeição, foram identificadas as que não dispunham de mesa em sua residência. Pelos relatos, isso estava relacionado ao hábito familiar ou a residências muito pequenas que dispunham somente de uma bancada na cozinha para fazer a refeição. É preciso refletir sobre as singularidades de cada família, que trazem implicações importantes para as suas relações de comensalidade. As diferentes configurações e práticas para o ato de comer revelaram o quão é comum crianças e adolescentes comerem

sozinhos, em ambientes que favoreciam a distração, com estímulos que se somavam e interferiam negativamente no comer com atenção, valorizando sentidos e o prazer de comer, importantes para a formação de hábitos alimentares adequados. O enfraquecimento de rituais relacionados ao comportamento alimentar pode levar à mudanças nos padrões alimentares pelo esvaziamento das rotinas mais estruturadas de alimentação, especialmente durante a semana, onde a televisão centralizava a atenção e a sua programação é que fazia companhia para os comensais<sup>28</sup>. A facilidade de acesso individual dos aparelhos eletrônicos tipo *smartphone* pode ser apontada como elemento que acentuou esse cenário do comer na companhia de uma programação personalizada, devido à possibilidade de se escolher o conteúdo que será acessado, incorporando novos elementos ao contexto da exposição à publicidade infanto-juvenil.

Mesmo considerando a dificuldade cada vez maior dos pais estarem presentes nas principais refeições de seus filhos, a sua ausência em um dia da semana reduziu a possibilidade de práticas orientativas que estimulam a alimentação saudável, levando ao menor consumo de frutas e vegetais e maior risco à obesidade infantil<sup>12</sup>. Nessa direção, deve-se privilegiar, sempre que possível, o comer em companhia, como parte natural da vida social, com momentos para cultivar e fortalecer os laços entre pessoas que se gostam<sup>14</sup>.

As dificuldades dos cuidados parentais relacionadas à alimentação, não pode suprimir o seu empenho em promover o ambiente alimentar doméstico saudável. Estudantes do ensino fundamental e médio admitiram que a maior parte de seu conhecimento sobre alimentação saudável foi transmitido por seus pais<sup>29,30</sup>. A exemplo de suas próprias preferências alimentares, o acesso, disponibilidade e incentivo ao consumo de alimentos saudáveis no ambiente doméstico foram relacionados ao maior consumo de frutas e hortaliças entre adolescentes, mesmo quando a preferência por esses alimentos era baixa<sup>31</sup>. As famílias também se deparam com situações em que é preciso negociar as diferentes dimensões das práticas alimentares, de modo que as escolhas não se limitam apenas à disponibilidade de tempo para o preparo de lanches caseiros<sup>27</sup>. Mesmo que haja o reconhecimento do que são alimentos saudáveis e se tenha acesso a informações

sobre os prejuízos à saúde pelo consumo de alimentos industrializados, existe uma inclinação para o seu consumo devido ao prazer conferido pelo sabor agradável<sup>29</sup>. Assim, as mudanças vivenciadas pela sociedade contemporânea influenciam diretamente na forma como os indivíduos realizam suas escolhas e consumo alimentar, assim como organizam sua alimentação<sup>16</sup>. Nesse contexto, os modelos socioecológicos podem auxiliar a compreensão da relação recíproca existente entre indivíduo, família, escola, comunidade, sociedade e cultura, de modo que as ações devem ser contínuas e recíprocas, integrando os diferentes níveis<sup>32,33</sup>.

Os impasses e até o sentimento de culpa pela preferência e consumo de alimentos não saudáveis expressaram as representações sociais de pais e crianças, indicando a transmissão dessas significações e do seu caráter moral<sup>27</sup> e salientam ainda a necessidade de a escola envolvê-los em ações promotoras da alimentação adequada<sup>29</sup>. Assim como o *habitus* adquirido através da inculcação familiar é condição primordial para a estruturação das experiências escolares, o *habitus* transformado pela ação escolar constitui princípio de estruturação de todas as experiências anteriores, desde a recepção das mensagens produzidas pela indústria cultural às experiências profissionais<sup>34</sup>. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que os hábitos são estruturados, são também estruturantes das ações que estão por vir<sup>35</sup>, dando sentido para que escola e famílias sigam na mesma direção de incentivar a alimentação adequada e saudável como estratégia de promoção da saúde nos ambientes escolar e familiar. O esforço compartilhado da comunidade confere sentido às ações de EAN desenvolvidas nas escolas, ao mesmo tempo que as famílias precisam desempenhar o seu papel cognoscente e reflexivo.

A exemplo do programa Na Mesma Mesa que incentivou a participação dos educadores durante as refeições, abre-se espaço para refletir sobre o valor de programas estruturados que favoreçam a inclusão de “conteúdos transversais que envolvam o alimento e a refeição, vinculando a alimentação ao desenvolvimento sustentável, discutindo a cadeia produtiva, consumo e desperdício de alimentos, meio ambiente, agroecologia, uso do solo e hortas pedagógicas”(p.9)<sup>26</sup>. A atuação dos professores durante as refeições servidas propiciou maior confiança em relação à qualidade e à importância dos alimentos servidos, quebrando o estigma com a

alimentação escolar e desenvolvendo uma identidade de compartilhamento da comida<sup>19</sup>.

O programa favoreceu o reconhecimento e a valorização da comensalidade durante as refeições dos educandos, as relações de convívio e fortalecimento de vínculo e compartilhamento de saberes em torno da alimentação, contribuindo para o reconhecimento do DHAA da alimentação escolar e ampliando as ações de PAAS nas escolas que poderiam estender-se às famílias, pois também orientava o desenvolvimento do conhecimento crítico com estímulos compartilhados com as famílias<sup>26</sup>. Entretanto, houve dificuldade de os educadores utilizarem práticas educativas capazes de se aproximar das necessidades das crianças contemporâneas e de entender que sua atuação não era suficiente para mudar hábitos alimentares dos educandos. Tal prática correspondeu a um discurso pautado na educação tradicional, com o uso de estratégias orientativas, não dialógicas, com vistas a eliminar hábitos pouco saudáveis<sup>36</sup> e revelou a dificuldade do educador em se aproximar da educação crítica. A partir da problematização do tema, do compartilhamento de saberes com os demais membros da comunidade escolar, outros assuntos poderiam emergir de sua realidade e necessidade. Isso ressalta a importância de o tema da alimentação ser articulado com toda a comunidade, para ampliar as possibilidades de ação, assim como a importância de o educador ter acesso à formação permanente, para mobilizar outros saberes. Nessa direção, os trabalhos permanentes da comissão de alimentação, horta e sustentabilidade podem ser apontados como um caminho interessante para a manutenção do tema da alimentação no ambiente escolar e reforça a importância de a escola ter diferentes espaços de diálogo para que, além da comensalidade, outras dimensões da alimentação sejam problematizadas.

As diferentes práticas dos estudantes em relação à alimentação escolar, de consumir o que era oferecido pela escola ou levar lanches também foi identificada em outros estudos nacionais<sup>20,37,38</sup> e entre os adolescentes associou-se às condições financeiras mais favoráveis<sup>38</sup>. A alimentação escolar foi colocada como um dispositivo de produção da diferença, inerente a processos identitários, que contribui para classificar e inferiorizar aqueles que a consomem<sup>19</sup>.

A dissonância de interesses e posicionamentos que permeavam o envio de lanches indicou a importância de ampliar o olhar para o espaço coletivo da alimentação escolar, para que os interesses individuais não se sobrepujassem aos coletivos refletindo práticas desalinhadas ao direito à uma alimentação igualitária. Nesse aspecto, as atividades da comissão de alimentação poderiam contribuir para incluir os familiares em atividades reflexivas que reverberassem na resignificação e valorização da alimentação servida pela escola, no esforço de assegurar um direito que possibilita outros processos identitários para além da sujeição<sup>19</sup>. Mesmo que as discussões não sejam suficientes para romper as forças externas, como as exercidas pela indústria de alimentos, elas podem contribuir com a formação de cidadãos críticos, alinhados com a educação emancipatória. O papel social da educação é capaz de despertar a consciência crítica para os atores sociais compreenderem a si mesmo como um sujeito inserido no mundo dialogando com a realidade e sua problemática<sup>39</sup>. Somente com a tomada de consciência pode-se analisar as tensões, visualizar as ameaças e os desafios para propor as soluções necessárias ao processo de construção de modos de vida em sociedade, mais justos, saudáveis, éticos e sustentáveis<sup>39</sup>.

O projeto da horta escolar foi indicado por criar um espaço que envolvia o apoio da comunidade, com recursos para sua manutenção, estar em um espaço agradável, com características saudáveis e, principalmente, quando usado como ferramenta educacional<sup>40</sup>. Enquanto espaço de trocas, a horta configurou-se como um ambiente de aprendizagem para a comunidade escolar, para se trabalhar as diferentes capacidades e habilidades, valores e atitudes, sob as diferentes áreas do saber<sup>41</sup>. A estratégia do 'aprender fazendo' trouxe a oportunidade de os estudantes adquirirem conhecimentos e habilidades sobre os sistemas alimentares e perceber as conexões entre os alimentos e o meio ambiente<sup>42,43</sup>, propiciando a reflexão sobre o ato de comer e sobre os alimentos em si, a sua valorização e formação de vínculos com o que é produzido e estímulo para provar novos alimentos<sup>41,43</sup>.

Além de ser pensada como estratégia de EAN direcionada aos estudantes, a horta revelou-se também como uma forma de educação participativa para funcionários e professores envolvidos, em um ambiente que favorece a equidade. O

favorecimento da participação social aproximou as famílias das atividades de EAN desenvolvidas no ambiente escolar, criando oportunidades de trabalhos colaborativos e integradores das diferentes realidades vivenciadas pelas famílias, condições sociais, interesses, hábitos e culturas, capaz de promover o diálogo e o conhecimento compartilhado tão importante para pensar os ambientes alimentares saudáveis e como podem contribuir para a promoção da saúde de toda a comunidade escolar. A partir da horta, a alimentação ganhou visibilidade e foi incluída como tema de trabalho no PPP da escola B e, por esse motivo, as principais ações e discussões giravam em torno desse eixo condutor, tecendo uma rede de ações de alimentação que foram se ampliando e permeando as discussões dentro da escola, com o envolvimento dos grupos de atores sociais.

Os resultados encontrados permitem refletir sobre a importância de oferecer à comunidade espaços de discussão de temas promotores da alimentação adequada e saudável enquanto estratégia de promoção da saúde, no sentido de contribuir para que as pessoas, enquanto cidadãos, gradativamente desenvolvam a autonomia e apoderamento nas dimensões individual e coletiva sobre os cuidados com a saúde, tanto para a melhora de sua qualidade de vida, como para levar mais equidade e sustentabilidade para as mudanças na saúde pública<sup>18</sup>. Refletir sobre a capilaridade que as ações promotoras da alimentação saudável desenvolvidas no ambiente escolar podem alcançar é um caminho promissor para auxiliar a comunidade a desenvolver o protagonismo para atuação junto à sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações promotoras da alimentação adequada e saudável desenvolvidas no ambiente escolar podem ser potencializadas a partir da interação de famílias e escolas, requerem respeito, acolhimento e valorização de suas diferentes culturas e para responder adequadamente às demandas contemporâneas da alimentação de um grande centro urbano. A grande oferta de comidas e alimentos prontos para o consumo, que desprezam a cultura alimentar, somado ao excesso de informações confusas e contraditórias, colocam a saúde das pessoas em risco, interferem em suas rotinas alimentares e influenciam fortemente na formação dos hábitos

alimentares. Em conformidade ao observado em uma das escolas, as discussões e construções coletivas são fundamentais para o desenvolvimento do pensamento crítico e autonomia de suas decisões relacionadas com a saúde, em um processo de autocuidado consigo e com os outros.

A horta escolar foi utilizada como instrumento que aproximou e integrou a alimentação escolar da comunidade escolar. Suas ações permitiram extrapolar o entendimento da alimentação para além da sua dimensão biológica, favorecendo a formação de vínculos com o alimento produzido e alcançaram desdobramentos importantes que permitiram inserir a alimentação como um tema de produção do conhecimento, com atividades que saíam do padrão informativo e possibilitavam o desenvolvimento de práticas educativas colaborativas.

Por ser um espaço que exige cuidados permanentes, com inúmeras possibilidades de atuação e reflexão, o direcionamento da horta envolvendo toda a comunidade mostrou-se promissor para cumprir o seu papel pedagógico como estratégia de EAN para a PAAS, aproximando as pessoas e atribuindo a função de educador e educando, a do-discência, ou docência-discência nas palavras de Paulo Freire.

## REFERÊNCIAS

1. Cruz L. Legal Guide on school food and nutrition - Legislating for a healthy school food environment. FAO Legal Guide No.2. Rome, FAO; 2020 [cited 2022 Aug 28]. 185p. Available from: <<https://www.fao.org/3/ca9730en/C A9730EN.pdf>>.
2. Brasil. Lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do programa dinheiro direto na escola aos alunos da educação básica. Brasília, DF: Diário Oficial da União; 2009 Jun 17; 2a(Seção 1). Available from: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm)
3. FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. School Food and Nutrition Framework. Rome: FAO; 2019. [cited 2022 Aug 28]. Available from: <https://www.fao.org/3/ca4091en/CA4091EN.pdf>
4. FAO - Food and Agriculture Organization of the United Nations. Nutrition guidelines and standards for school meals: a report from 33 low and middle-income countries. Rome: FAO; 2019. 106 pp. [cited 2022 Aug 28]. Available from: <https://www.fao.org/3/CA2773EN/ca2773en.pdf>

5. A promoção da saúde no contexto escolar. *Revista de Saúde Pública* [Internet]. 2002 [cited 2022 Aug 27];36(4):533-535. Available from: <https://doi.org/10.1590/S0034-89102002000400022>
6. Verthein UP, Amparo-Santos L. A noção de cultura alimentar em ações de educação alimentar e nutricional em escolas brasileiras: uma análise crítica. *Ciênc saúde coletiva* [Internet]. 2021 [cited 2022 Oct 26];26 Suppl 3:4849–58. Available from: <https://doi.org/10.1590/1413-812320212611.3.01932020>
7. Sawaya AL, Peliano AM, Albuquerque MP, Domene SMA. A família e o direito humano à alimentação adequada e saudável. *Estudos Avançados* [Internet]. 2019 [cited 2022 Aug 28];33(97):361-382. Available from: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3397.020>
8. Turner C, Aggarwal A, Walls H, Herforth A, Drewnowski A, Coates J, et al. Concepts and critical perspectives for food environment research: A global framework with implications for action in low- and middle-income countries *Global Food Security* [Internet]. 2018 [cited 2022 Aug 28];18:93-101. Available from: <https://doi.org/10.1016/j.gfs.2018.08.003>
9. Hughes SO, Anderson CB, Power TG, Micheli N, Jaramillo S, Nicklas TA. Measuring feeding in low-income African-American and Hispanic parents. *Appetite* [Internet]. 2006 [cited 2022 Aug 28];46(2):215-223. Available from: <http://dx.doi.org/10.1016/j.appet.2006.01.002>
10. Gomide PIC. Inventários de estilos parentais (IEP): Modelo teórico, manual de aplicação, apuração e interpretação. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2006. 96p.
11. Ventura AK; Birch LL. Does parenting affect children's eating and weight status? *Int J Behav Nutr Phys Act*, [Internet]. 2008 [cited 2022 Aug 28];5(1):5-15. Available from: <http://dx.doi.org/10.1186/1479-5868-5-15>
12. Mais LA, Warkentin S, Latorre MRD, Carnel, S Taddei JAA. Parental Feeding Practices among Brazilian School-Aged Children: associations with parent and child characteristics. *Front Nutr* [Internet]. 2017 [cited 2022 Aug 28];4(6):1-10. Available from: <http://dx.doi.org/10.3389/fnut.2017.00006>
13. Brasil. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Marco de referência de educação alimentar e nutricional para as políticas públicas. Brasília, DF: MDS [Internet]. 2012. [cited 2022 Aug 28]. Available from: [https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/marco\\_EAN.pdf](https://www.cfn.org.br/wp-content/uploads/2017/03/marco_EAN.pdf)
14. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. Guia alimentar para a população brasileira. 2. ed. Brasília, DF: MS [Internet]. 2014. [cited 2022 Aug 28]. Available from: [https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia\\_alimentar\\_populacao\\_brasileira\\_2ed.pdf](https://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/guia_alimentar_populacao_brasileira_2ed.pdf)
15. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Promoção da Saúde. Guia alimentar para crianças brasileiras menores de 2 anos. [Internet] 2. ed. Brasília, DF: MS, 2019. [cited 2022 Oct 23]. Available from:

- [http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia\\_da\\_crianca\\_2019.pdf](http://189.28.128.100/dab/docs/portaldab/publicacoes/guia_da_crianca_2019.pdf)
16. Silva, G, Recine, E. Implicações das relações de gênero nos ambientes alimentares domésticos saudáveis. DEMETRA: Alimentação, Nutrição & Saúde [Internet]. 2023 [cited 2023 Apr 02];18:e65199. Available from: [doi:https://doi.org/10.12957/demetra.2023.65199](https://doi.org/10.12957/demetra.2023.65199)
  17. Souza, TSN, Fonseca, ABC. Análise crítica de saberes e práticas sobre alimentação de profissionais de saúde e de educação. Trabalho, Educação e Saúde [Internet]. 2015 [cited 2022 Aug 28];13(3):739-756. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sip00066>
  18. Sorensen K, Van den Broucke S, Fullam J, Doyle G, Pelikan J, Slonska Z et al. Health literacy and public health: A systematic review and integration of definitions and models. BMC Public Health [Internet]. 2012 [cited 2023 Apr 03];12(80). Available from: <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-80>
  19. Silva EO, Amparo-Santos L, Soares MD. Interações entre práticas alimentares e identidades: ressignificando a escola pública e a alimentação escolar. Cad. Saúde Pública [Internet]. 2019 [cited 2022 Aug 28];35(11):1-11. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-311x00217918>
  20. Freitas MCS, Minayo MCS, Ramos LB, Fontes GV, Santos LA, Souza EC et al. Escola: lugar de estudar e de comer. Ciênc. saúde coletiva [Internet]. 2013 [cited 2022 Aug 28];18(4):979-985. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-81232013000400010>
  21. Freire, Paulo. Educação e Mudança. 12. ed. Gadotti, M, Martin, LL, translator. São Paulo: Paz e Terra, 1979. 46p.
  22. Westphal MF, Bógus CM, Faria M de M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana [Internet]. 1996 [cited 2022 Aug 28];6(120):472–82. Available from: <https://iris.paho.org/handle/10665.2/15464>
  23. Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 10. ed. São Paulo: Hucitec; 2009. 416p.
  24. Rathi N, Riddell L, Worsley A. What influences urban Indian secondary school students' food consumption?: A qualitative study. Appetite [Internet]. 2016 [cited 2022 Aug 28];105:790-7. Available from: 10.1016/j.appet.2016.07.018. Epub 2016 Jul 14
  25. Bardin L. Análise de conteúdo. 5. ed. Lisboa: Edições 70; 2009.
  26. São Paulo (Município). Secretaria Municipal de Educação. Gabinete do Secretário. Portaria nº4.145/2015. Institui o Programa “Na mesma Mesa” para as Escolas Municipais de Educação Infantil-EMEIs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental-EMEFs, Escolas Municipais de Ensino Fundamental e Médio-EMEFMs e Escolas Municipais de Educação Bilíngue para Surdos-EMEBSSs, na forma que especifica e dá outras providências. Diário Oficial da Cidade de São Paulo [Internet]. 2015 Jul 03.
  27. Silveira CLW, Henn RL, Gonçalves TR. Alimentação saudável na

- infância: representações sociais de famílias e crianças em idade escolar. *Aletheia* [Internet]. 2019 [cited 2022 Aug 28];52(2):1-17. Available from: <http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/aletheia/article/view/5580/3632>
28. Diez-Garcia RW. Práticas e comportamento alimentar no meio urbano: um estudo no centro da cidade de São Paulo. *Cad Saúde Pública* [Internet]. 1997 [cited 2022 Aug 20];13(3):455-467. 1997. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s0102-311x1997000300021>
29. Lima-Ribeiro, I, Lima-Ribeiro, I, Da Silva Santa Rosa, JG, Do Céu-Clara Costa, I. Alimentação saudável: a percepção de escolares sobre si próprios. *Rev. salud pública* [Internet]. 2019 [cited 2023 Apr 10];21(3):381-386. Available from: [http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0124-00642019000300381&lng=en](http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0124-00642019000300381&lng=en). Epub June 19, 2020. <https://doi.org/10.15446/rsap.v21n3.54047>
30. Macedo HM, Siqueira ACP, Branco RVC, Carvalho DV, Souza PHM, Mota RN et al. Consumo de alimentos ultraprocessados e o papel das escolas e da família na reeducação alimentar de adolescentes escolares. *Research Soc. Develop.* [Internet]. 2021 [cited 2023 Apr 04];10(11):e122101119338.
31. HLPE - The High Level Panel of Experts on Food Security and Nutrition. Nutrition and food systems. HLPE Report 12. Rome: HPLE [Internet]. 2017 [cited 2022 Aug 20]. Available from: <https://www.fao.org/3/i7846e/i7846e.pdf>
32. Story M, Kaphingst KM, Robinson-O'Brien R, Glanz K. Creating Healthy Food and Eating Environments: policy and environmental approaches. *Annu Rev Public Health*, [Internet]. 2008 [cited 2022 Aug 28];29(1):253-272. Available from: <http://dx.doi.org/10.1146/annurev.publhealth.29.020907.090926>
33. Inman DD, van Bakergem KM, Larosa AC, Garr DR. Evidence-based health promotion programs for schools and communities. *Am J Prev Med* [Internet]. 2011 [cited 2022 Aug 28];0(2):207-19. Available from: doi: 10.1016/j.amepre.2010.10.031. PMID: 21238871
34. Miceli S. A força do sentido. In: Bourdieu P. *A economia das trocas simbólicas*. 6ª ed. São Paulo: Perspectiva; 2007.
35. Bourdieu, P. *O poder simbólico*. Tomaz T, tradutor. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 1989. 311p.
36. Araújo IS, Cardoso JM. *Comunicação e Saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz; 2007. 148p.
37. Leme ACB, Philippi ST, Toassa EC. O que os adolescentes preferem: os alimentos da escola ou os alimentos competitivos? *Saude soc* [Internet]. 2013 [cited 2022 Apr 04];22(2):456-467. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902013000200016>.
38. Vale D, Lyra CO, Santos TT, Souza CVS, Roncalli AG. Adesão à alimentação escolar por adolescentes brasileiros: determinantes individuais e do contexto escolar. *Ciênc. Saúde Colet* [Internet]. 2021 [cited 2022 Apr 04];26(2):637-650. Available from:

- <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232021262.17392020>
39. Oliveira AR. Será possível uma Educação Alimentar e Nutricional Freiriana no Brasil?: reflexões e compartilhamentos para um saber-fazer pedagógico inquieto. In: Lang RMF, Ciacchi, EMR, organizators. Educação Alimentar e Nutricional: fundamentação teórica e estratégias compartilhadas. Rio de Janeiro: Rubio, 2021. p. 91-106.
40. Burt KG, Luesse HB, Rakoff J, Ventura A, Burgermaster M. School Gardens in the United States: current barriers to integration and sustainability. *Am J Public Health* [Internet]. 2018 [cited 2022 Mai 04];108(11):1543-1549. Available from: <http://dx.doi.org/10.2105/ajph.2018.304674>
41. Coelho, DEP, Bógus CM. Vivências de plantar e comer: a horta escolar como prática educativa, sob a perspectiva dos educadores. *Saúde e Sociedade* [Internet]. 2016 [cited 2021 Dec 04];25(3):761-770. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-12902016149487>
42. Story M, Nanney MS, Schwartz MB. Schools and obesity prevention: creating school environments and policies to promote healthy eating and physical activity. *Milbank Q* [Internet]. 2009 [cited 2022 Mai 04];87(1):71-100. Available from: 10.1111/j.1468-0009.2009.00548.x. PMID: 19298416; PMCID: PMC2879179.
43. Garcia MT, Coelho DEP, Bógus CM. Pedagogical school gardens as a Food and Nutrition Education strategy: perception of parents and educators of their impact on children's diets. *Demetra: Alimentação, Nutr Saúde* [Internet]. 2017 [cited 2022 Oct 04];12(1):113-136. Available from: <http://dx.doi.org/10.12957/demetra.2017.26407>